



ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DA AERONÁUTICA
COORDENADORIA ACADÊMICA
CURSO DE POLÍTICA E ESTRATÉGIA AEROESPACIAIS

CELSO MARQUES DE OLIVEIRA NETO, Cel Av

A Possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial: Paralelos Históricos e Desafios Geopolíticos Atuais.

Rio de Janeiro
2024

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DA AERONÁUTICA
COORDENADORIA ACADÊMICA
CURSO DE POLÍTICA E ESTRATÉGIA AEROESPACIAIS

CELSO MARQUES DE OLIVEIRA NETO, Cel Av

**A Possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial: Paralelos Históricos e Desafios
Geopolíticos Atuais**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Escola de Comando e Estado-Maior da
Aeronáutica como requisito parcial para
aprovação no Curso de Política e Estratégia
Aeroespaciais.

Orientador: Eduardo Sol Oliveira da Silva
Professor Doutor

Rio de Janeiro
2024

1 INTRODUÇÃO

Certo dia, o presidente Roosevelt perguntou-me como deveríamos chamar esta guerra. Respondi imediatamente: "a Guerra Desnecessária." Nunca houve guerra mais fácil de impedir do que esta que acabou de destroçar o mundo após o conflito anterior (CHURCHILL, 1948, pag. 1).

A citação de Winston Churchill sobre a Segunda Guerra Mundial como “a Guerra Desnecessária” exemplifica como conflitos devastadores poderiam ter sido evitados. Ao analisarmos os paralelos entre os períodos pré-Segunda Guerra Mundial e a conjuntura geopolítica atual, fica evidente a importância de entender os desafios impostos por países revisionistas, a interconexão de crises regionais e o potencial de escalada para um conflito global. Esta análise crítica não apenas ilumina os paralelos históricos, mas também explora as implicações políticas e estratégicas que podem moldar o futuro da segurança internacional.

Na história contemporânea, a Segunda Guerra Mundial permanece como um marco indelével de destruição e transformação global. Hoje, ao contemplarmos a atual conjuntura geopolítica, é inegável que padrões históricos que antecederam grandes conflitos mundiais estão ressurgindo. Nesse cenário global instável, com a possibilidade real de uma escalada para um novo conflito de grandes proporções, a relevância desta pesquisa reside na necessidade urgente de compreendermos os riscos e dinâmicas que moldam as relações internacionais contemporâneas.

Este ensaio analisará os anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial e os comparará com a situação atual, destacando os desafios apresentados por países revisionistas, a interconectividade de crises regionais e o potencial de escalada para um conflito global. Essa análise crítica ilumina os paralelos históricos e as implicações políticas e estratégicas que podem moldar a segurança internacional futura. A presença de países revisionistas autocráticos na geopolítica contemporânea será explorada, seguida pela análise da interdependência perversa entre crises regionais e a divisão do mundo em blocos, culminando na discussão sobre os riscos de uma nova escalada global.

A análise da conjuntura geopolítica atual em comparação com os eventos que antecederam a Segunda Guerra Mundial revela que a ascensão de potências revisionistas, a interdependência perversa entre crises regionais e a divisão do mundo em blocos antagônicos aumentam significativamente o risco de uma Terceira Guerra Mundial.

2 RUMO À TERCEIRA GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E ATUAL

Não há como prever os acontecimentos futuros, mas podemos analisar o que está acontecendo hoje e, principalmente, voltar no tempo e entender como determinadas situações chegaram a dimensões inimagináveis. É possível combinar esses dois elementos, ou seja, observar com atenção o que está acontecendo hoje e olhar para o passado de maneira a construir uma moldura de análise e tentar responder a esta pergunta: baseado nos acontecimentos atuais, estamos a caminho da terceira guerra mundial?

No mundo pós-Guerra Fria, com a queda da União Soviética, ficamos com a percepção de que entramos num mundo de paz. Não existiam mais motivos para termos uma guerra mundial, para termos conflitos gigantescos. Foi exatamente nesse momento que Fukuyama escreveu o artigo "O fim da história", onde argumentou que a democracia e o capitalismo haviam triunfado, eliminando grandes disputas (1989, apud CUKIER, 2024). Após três décadas, as coisas não estão mais tão acertadas como naquele momento pós-Guerra Fria.

O efeito dominó da desordem que tomou conta em 1945 pode se repetir agora, principalmente se persistir a disputa territorial e o conflito armado na Ásia. Segundo Cukier (2024), vamos começar a repetir o padrão de sobrecarga, de desordem, de instabilidade máxima em nível que nós não assistimos desde 1945. Para este ensaio, a analogia entre a atual conjuntura geopolítica global e o período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial baseia-se em três elementos centrais: a ascensão de países revisionistas, a interdependência perversa entre crises regionais e a divisão do mundo em blocos antagônicos. Finalizando, discorreremos sobre como a junção dos elementos citados podem ocasionar uma escalada para um novo conflito global.

2.1 PAÍSES REVISIONISTAS AUTOCRÁTICOS

No período pré-Segunda Guerra Mundial, Alemanha, Itália e Japão não aceitavam o *status quo* e buscaram impor sua visão de mundo pela força. Hoje, observa-se a emergência de potências autocráticas ou totalitárias que buscam rever a ordem mundial estabelecida por meio do uso da força militar. Assim como o eixo autocrático de outrora, países como a Rússia, o Irã e a China contemporânea vêm adotando posturas revisionistas e agressivas em suas respectivas esferas de influência.

O caso da Rússia é emblemático nesse sentido. Sob o comando de Vladimir Putin, o país tem promovido uma política externa assertiva e desafiadora, culminando na invasão da Ucrânia em 2022. Segundo Mearsheimer (2014), essa postura revisionista, amparada no discurso nacionalista e na retórica anti-Occidente, ecoa os movimentos dos regimes totalitários na década

de 1930. Da mesma forma, a política externa do Irã, para Rabinovch (2024), apresenta dimensões tanto defensivas quanto ofensivas. O regime iraniano se sente ameaçado por inimigos regionais, como Iraque, Arábia Saudita e Israel, além da inimizade dos Estados Unidos. Em resposta, o Irã desenvolveu um programa nuclear militar como forma de defesa, ao mesmo tempo em que adotou uma política externa revisionista para destabilizar regimes hostis e expandir sua influência no Oriente Médio. Ou seja, pequenos países como o Irã também fazem parte das novas potências revisionistas que estão desafiando o *status quo* liderado pelas democracias dos Estados Unidos e seus aliados, exatamente do mesmo jeito como Berlim, Roma e Tóquio fizeram desafiando o Reino Unido e outras democracias.

Por outro lado, a ascensão da China como uma superpotência em busca de expandir sua influência global também apresenta paralelos históricos preocupantes. Assim como a Alemanha buscava reposicionar-se como a principal potência europeia, a China vem desafiando o domínio global dos Estados Unidos, especialmente no Indo-Pacífico.

A Ásia Oriental ainda está em paz, mas existem coerções e pressões, especialmente em relação a Taiwan. A China pode fazer um bloqueio naval ou uma invasão, e os Estados Unidos podem vir a proteger Taiwan. Se isso ocorrer, poderemos ter o confronto das duas maiores potências militares do mundo. Tudo que já estamos assistindo hoje, como a guerra na Ucrânia ou os conflitos em Gaza, será pequeno perto das consequências de uma guerra entre China e Estados Unidos por Taiwan.

Assim como as potências revisionistas do passado se uniram, os países autocráticos de hoje formam alianças estratégicas para avançar seus interesses regionais. A cooperação militar e econômica entre Rússia e China e as ações agressivas de ambos os países em suas respectivas regiões (Ucrânia e Mar do Sul da China) exemplificam essa solidariedade revisionista. Essa aliança sino-russa representa uma solidariedade geopolítica contra as democracias ocidentais, semelhante à aliança entre Alemanha, Itália e Japão.

2.2 INTERDEPENDÊNCIA PERVERSA ENTRE CRISES REGIONAIS

A "interdependência perversa" é um termo cunhado por Heni Ozi Cukier, mais conhecido como professor HOC, para descrever como uma crise em uma região pode intensificar e agravar crises em outras regiões. É semelhante a um efeito dominó, onde eventos em uma área fornecem estímulo e recursos para que outras potências ao redor do mundo sigam um caminho semelhante, resultando em um ciclo destrutivo.

Em 1935, a Itália invadiu a Etiópia, desafiando a Liga das Nações. Esse acontecimento abriu espaço para a Alemanha começar sua remilitarização e conquistar a França em 1940,

cercando o Reino Unido. Com o Reino Unido cercado, seu império na Ásia ficou vulnerável à invasão do Japão. Esses acontecimentos não estavam diretamente ligados, mas a interdependência do sistema potencializava as ações dos outros. A permissividade do sistema internacional fez com que os países seguissem caminhos semelhantes, adotando até as mesmas táticas operacionais de combate.

O uso do terror aéreo, que a Itália começou a promover na Etiópia, foi espelhado pela Alemanha na Espanha e pelo Japão na China. Isso demonstra como ações em uma região podem ter repercussões globais. O número de desafios à ordem existente debilitou e desorientou seus defensores. Quem era o maior defensor da ordem existente naquele momento? O Reino Unido. Era como se o Reino Unido fosse os Estados Unidos de hoje.

As crises interconectadas, como a invasão da Ucrânia pela Rússia, causam instabilidade na Europa, enquanto as tensões no Oriente Médio e as ações da China no Pacífico têm potencial para desencadear uma resposta em cadeia de conflitos. A crise na Ucrânia não apenas afeta a Europa, mas também aumenta as tensões entre a OTAN e a Rússia, influenciando a política de segurança global. Da mesma forma, o apoio do Irã a grupos militantes no Oriente Médio exacerba os conflitos regionais, potencializando um ciclo destrutivo.

Países revisionistas autocráticos e a interdependência entre crises regionais geram tensões que resultam na formação de alianças estratégicas, dividindo o mundo em blocos antagônicos.

2.3 DIVISÃO O MUNDO EM BLOCOS

Os fatores que dividiram o mundo em dois blocos podem ser explicados pela ascensão dos países revisionistas e pela interdependência perversa. Nações como Rússia, China e Irã desafiam a hegemonia ocidental e formam alianças para fortalecer sua posição. A ascensão de potências revisionistas é impulsionada por políticas de visão ideológica oposta ao *status quo*. A interdependência perversa, com crises regionais alimentando-se mutuamente, contribui para a divisão global.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Liga das Nações falhou em prevenir o conflito, resultando na ascensão de regimes totalitários. Hoje, organizações internacionais como a ONU enfrentam desafios semelhantes. A ascensão de regimes autocráticos e a formação de blocos antagônicos entre as democracias ocidentais e os regimes revisionistas indicam uma divisão global.

2.4 POTENCIAL PARA UMA TERCEIRA GUERRA MUNDIAL

A ascensão de países revisionistas muitas vezes leva a políticas externas agressivas, desestabilizando regiões inteiras, como visto na Ucrânia e no Mar da China Meridional. Essa desestabilização pode desencadear crises regionais que se alimentam mutuamente, agravando a insegurança global. A formação de blocos antagônicos amplifica esses riscos, pois qualquer conflito local pode rapidamente se transformar em um confronto global devido às obrigações de defesa mútua. Portanto, a combinação desses fatores cria um ambiente propício para o surgimento de uma Terceira Guerra Mundial, onde uma crise regional pode desencadear uma série de eventos envolvendo as principais potências mundiais em um conflito armado direto.

A complexa interação entre esses fatores demonstra a fragilidade da paz mundial e a necessidade urgente de uma diplomacia eficaz e de mecanismos internacionais de resolução de conflitos para prevenir uma escalada que poderia levar a um conflito global devastador. Mas a inadequação das instituições internacionais como a ONU e a Liga das Nações outrora na manutenção da ordem mundial, reflete sobre o caráter anárquico das relações internacionais.

3 CONCLUSÃO

O ensaio apresenta a citação de Winston Churchill sobre a Segunda Guerra Mundial como “a Guerra Desnecessária” e destaca a importância de entender os paralelos históricos e os desafios atuais para evitar futuros conflitos globais.

A comparação entre o cenário geopolítico atual e o período pré-Segunda Guerra Mundial é estabelecida, destacando a ascensão de países revisionistas, a interdependência perversa entre crises regionais e a divisão do mundo em blocos antagônicos.

A emergência de potências autocráticas como Rússia, Irã e China é explorada, comparando suas ações e estratégias com as da Alemanha, Itália e Japão antes da Segunda Guerra Mundial.

O conceito de interdependência perversa é explicado, mostrando como crises em uma região podem intensificar crises em outras, criando um efeito dominó de instabilidade global.

A formação de alianças estratégicas entre países autocráticos e a divisão do mundo em blocos antagonistas são discutidas, ilustrando os riscos de escalada para um conflito global.

A combinação de potências revisionistas, interdependência perversa e divisões globais são analisadas como fatores que aumentam o risco de uma Terceira Guerra Mundial.

A análise geopolítica contemporânea revela que os mesmos padrões que antecederam a Segunda Guerra Mundial estão presentes hoje. A ascensão de países revisionistas, a interdependência perversa entre crises regionais e a divisão do mundo em blocos antagônicos

criam um ambiente de alta instabilidade e risco de um conflito global. Portanto, é importante que a comunidade internacional adote uma abordagem diplomática e cooperativa para evitar a repetição dos erros do passado e garantir a paz e estabilidade mundiais.

REFERÊNCIAS

CHURCHILL, Winston S. Memórias da Segunda Guerra Mundial - Volume 1. 3. ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2005.

CUKIER, Heni Ozi. A Terceira Guerra Mundial Já Começou? YouTube, 26 abr. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uvnBt5Qsfh4&t=2616s>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MEARSHEIMER, John. The Tragedy of Great Power Politics. New York: W.W. Norton & Company, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/jfzNczS5mJJHD6jZcgLRyjx/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2024.

RABINOVICH, Itamar. Iran's quest for regional hegemony. Horizons, Center for International Relations and Sustainable Development, Spring 2024, Issue No. 26. Disponível em: <https://www.cirsd.org/en/horizons/horizons-spring-2024--issue-no-26/irans-quest-for-regional-hegemony>. Acesso em: 05 ago. 2024.